



CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÃO ESPECIAL DESTINADA A PROMOVER ESTUDOS E PROPOSIÇÕES DE POLÍTICAS PÚBLICAS E DE PROJETOS DE LEI DESTINADOS A COMBATER E PREVENIR OS EFEITOS DO CRACK E DE OUTRAS DROGAS ILÍCITAS.

REQUERIMENTO N° DE 2011 (Do Sr. Delegado Waldir)

Solicita a realização de audiência pública, com a participação do Dr. Maurício Moscardi- Delegado de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal no Acre; Dr. Odair José Soares - Delegado de Polícia Titular Estadual da Delegacia de Repressão a Narcóticos de Goiás; Dr. Eduardo José do Prado - Delegado Adjunto da Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos de Goiás; Dr. Joel Zaepellon Mazzo- Presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia Federal – SINDEPOL, para debaterem com esta Comissão a entrada no País da nova droga denominada “OXI” e as consequências da redução do orçamento da Polícia Federal para a fiscalização das fronteiras.

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, com base no art. 58, § 2º da Constituição Federal e no art. 255 do Regimento Interno que, ouvido o plenário desta Comissão, seja realizada Audiência Pública, com a presença do Dr. Maurício Moscardi - Delegado de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal no Acre; Dr. Odair José Soares - Delegado de Polícia Titular Estadual da Delegacia de Repressão a Narcóticos de Goiás; Dr. Eduardo José do Prado - Delegado Adjunto da Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos de Goiás; Dr. Joel Zarpellon Mazzo - Presidente do Sindicato dos Delegados de Polícia Federal - SINDEPOL, para debaterem, com esta Comissão, a entrada no País da nova droga denominada “OXI” e as consequências da redução do orçamento da Polícia Federal para a fiscalização das fronteiras.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Justificação

A imprensa vem noticiando a entrada no País de uma nova droga, mais letal do que o crack, denominada Oxi, revelando a fragilidade da fiscalização em nossas fronteiras, conforme relata o Jornal O Globo de 17/4/11:

O GLOBO - 17/04/2011

Uma ameaça devastadora que se espalha pelo país

VIAGEM AO ABISMO

Derivado da cocaína e mais letal que o crack, oxi destrói jovens e até crianças

Carolina Benevides

As ruas de Rio Branco são hoje um retrato da degradação provocada por uma nova droga, mais letal do que o crack, que está se espalhando pelo Brasil: o oxi, um subproduto da cocaína. A droga chegou ao país pelo Acre. Na capital, ao redor do Rio Acre, perto de prédios públicos, no Centro da cidade, nas periferias e em bairros de classe média alta, viciados em oxi perambulam pelas ruas e afirmam: "Não tem bairro onde não se encontre a pedra".

O oxi, abreviação de oxidado, é uma mistura de base livre de cocaína, querosene - ou gasolina, diesel e até solução de bateria -, cal e permanganato de potássio. Como o crack, o oxi é uma pedra, só que branca, e é fumado num cachimbo. A diferença é que é mais barato e mata mais rápido.

A pedra tem 80% de cocaína, enquanto o crack não passa de 40%. O oxi veio da Bolívia e do Peru e entrou no país pelo Acre, a partir dos municípios de Brasiléia e Epitaciolândia. Hoje está em todos os estados da Região Norte, em Goiânia e em Mato Grosso do Sul, no Distrito Federal, em alguns estados do Nordeste e acaba de chegar a São Paulo. No Rio, os primeiros relatos de que a pedra pode ser encontrada na capital também já começaram a aparecer. Mas a polícia ainda não registrou apreensões.

"É um tempo de vida curto"

Estado que faz fronteira com o Peru e a Bolívia - os maiores produtores de cocaína do mundo - e ainda próximo à Colômbia, o Acre há tempos virou rota do tráfico internacional. De uns anos para cá, a facilidade com que a base livre de cocaína cruza as fronteiras fez com que o oxi tomasse conta da capital e de pequenos municípios. A pedra age rápido: viciados dizem que não leva 20 segundos para sentir um "barato" e que em cinco minutos a pessoa já está com vontade de usar de novo. Fumado, geralmente em latas de bebida ou em cachimbos como os que servem para o crack, o oxi tem potencial para viciar logo na primeira vez e é uma droga barata: é vendida em média por R\$5 e até R\$2.

- Quando a Bolívia se tornou produtora, o preço caiu e a cocaína se difundiu no Acre. A realidade é que o oxi é barato, está espalhado por Rio Branco e tem potencial para se espalhar por todo o Brasil, já que a base livre de cocaína está em todos os estados do país e já foi apreendida em todos os lugares. O oxi não precisa de laboratório para ser produzido, e isso facilita a expansão - diz Maurício Moscardi, delegado da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) da Polícia Federal no Acre, que em 2010 apreendeu no estado quase 300 quilos de base livre de cocaína.

- A repressão na cidade não é a prioridade da PF, e sim desarticular organizações criminosas. Até atuamos no tráfico doméstico, mas a base livre de cocaína está em todo lugar e muitos consumidores da droga nem são caso de polícia, mas de saúde pública - diz o delegado José Carlos Calazans, superintendente da PF no Acre.

A Polícia Civil também não atua muito no "tráfico formiguinha". Segundo o corregedor André Luís Monteiro da Silva, o interesse maior passou a ser descobrir a origem da droga:

- Aqui, se você encontrar uma trouxinha de entorpecente, ela te remete ao Peru, à Bolívia e à Colômbia. A nós interessa investigar e chegar ao tráfico internacional. É mais vantajoso para a sociedade que a polícia quebre a corrente, levante os bens dos



CÂMARA DOS DEPUTADOS

grupos, trabalhe com inteligência para saber sobre rotas de venda, sobre como o transporte é realizado, que sequestre os bens e prejudique o financiamento do que atue em cada boca de fumo de cada bairro. Até porque quando você prende o último, o primeiro a ser pego já está de volta.

Sem a presença da polícia, quem anda em Rio Branco encontra oxi e outras drogas em bairros tão distantes quanto Vila Acre e Centro, em periferias do 6 de agosto e no elitizado Bosque. Y., de 25 anos, que mora nas imediações da capital, experimentou oxi semana passada. Foi ao Preventório, conhecido como Papoco, espécie de bairro a uns 15 metros da PF, onde vivem oito mil pessoas e onde todo tipo de droga - oxi, maconha, cocaína, merla - é vendido nas bocadas, as bocas de fumo da região.

Pai de um bebê de pouco mais de um ano, Y. estava atrás de cocaína. Não encontrou, partiu para o oxi e, em menos de uma semana, trocou o vale-transporte por droga, abandonou o emprego, sumiu de casa, pediu dinheiro a parentes e até fez um "corre", gíria para furto. Depois de seis dias usando a pedra e de ter levado duas facadas "numa confusão", Y. jurava que voltaria para casa e ficaria longe da ruas.

- Minha mulher veio atrás de mim, mas não queria que ela me visse. Ela falou muito, disse coisas que não queria ouvir, falou que o bebê perguntava por mim. Nós somos muito agarrados. Mas eu não gostei, fiquei nervoso e aí usei mais oxi e enchi a cara - conta Y., que planejava ir para a universidade. - Estava estudando para fazer vestibular, focado nisso, mas agora...

É também no Preventório que Z., de 17 anos, usa oxi. A adolescente, que já tem filhos, mal consegue falar, pois que usa a droga há tempos. Tem as pontas dos dedos queimados e passa os dias tentando conseguir dinheiro para fumar.

- Não é preciso mais do que um centímetro da pedra para que a pessoa não consiga mais parar de usar. E sempre tem gente nova usando. Oxi causa muito dano, detona. Fizemos uma pesquisa, e os que acompanharam e abusavam mais, usavam todo dia, não viveram mais do que um ano desde o começo do consumo. É um tempo de vida curto. A pessoa emagrece muito, passa dias sem comer, sem dormir, as cenas são degradantes - conta Alvaro Augusto de Andrade Mendes, pesquisador da Associação de Redução de Danos do Acre (Aredacre) e vice-presidente da Associação Brasileira de Redução de Danos.

A droga é tão pesada que há quem use merla, maconha e cocaína e diga que oxi é "do capeta". Aos 57 anos, X. experimentou por duas vezes. Teve medo de continuar.

- Você se sente muito corajoso. Se misturar com cinza de cigarro, então.... Mas quando quero usar, lembro que quem usa mata sem pensar.

O Jornal O Hoje, de 07/04/11, de Goiás, também noticiou a seguinte matéria:

Polícia civil apreende maior quantidade de oxi no Estado

Policiais da Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos (Denarc) apreenderam ontem a maior quantidade da nova droga, conhecida como oxi. Foram 37 porções que seriam repassadas aos moradores do setor Recanto das Minas Gerais – região leste de Goiânia, por Pablo Henrique Moreira da Silva, 19 anos, preso em flagrante. Esta é a terceira vez que a Denarc realiza a apreensão da droga derivada do crack no Estado. O delegado Alécio Moreira de Souza Júnior considera o oxi dez vezes mais forte que o crack. "Outro agravante é o baixo custo da substância, que custa em média R\$ 5 a pedra."

O oxi é considerado altamente prejudicial à saúde por causa dos seus componentes como cal virgem e querosene. A droga é inalada pelos usuários por meio de cachimbos. O oxi foi inserido recentemente no Estado, mas já circula no Acre há pelo menos seis anos. A polícia ainda não sabe a origem da droga apreendida, mas trabalha com a possibilidade da existência de um laboratório na região.

O traficante foi identificado após uma outra apreensão feita há 15 dias. "Encontramos essa quantidade, mas ele já havia repassado parte da droga." Isso indica que existem viciados na nova droga em Goiânia. "Aos poucos a droga está chegando em Goiás, vamos trabalhar para im-



CÂMARA DOS DEPUTADOS

pedir os laboratórios."

O Jornal "O Popular", também de Goiás, divulgou as seguintes notícias:

Polícia apreende droga mais perigosa que o crack

A Denarc conseguiu apreender na noite de segunda-feira, 37 porções de oxi prontas para consumo, no total de 10,5 gramas, com o técnico em eletrônica Pablo Henrique Moreira da Silva, de 19 anos. A polícia não sabe a quanto cada pedra era comercializada em Goiânia.

A delegacia recebeu uma denúncia anônima de que na Rua SR-22, no Setor Recanto das Minas Gerais, havia um ponto de venda de drogas. Equipes comandadas pelo delegado Alécio Moreira de Sousa Júnior, adjunto da Denarc, investigaram e conseguiram prender o rapaz em flagrante. O acusado foi autuado por tráfico de drogas.

Ao ser abordado, o rapaz negou que fosse traficante, mas a polícia encontrou em um depósito na casa dele as 37 pedras de oxi, embaladas individualmente em pedaços de plástico. "A droga estava pronta para ser vendida", disse o delegado.

O oxi é mais barato e considerado tal ou mais letal que o crack. De acordo com agentes da Delegacia de Repressão a Narcóticos (Denarc), o crack é uma mistura de cloridrato de cocaína com bicarbonato de sódio e amoníaco. "Às vezes, o traficante mistura até veneno para matar ratos para baratear a droga", contou um agente.

Já no oxi, o cloridrato de cocaína é misturado a querosene e cal virgem. "Isso torna a droga mais barata", disse. Enquanto o crack costuma atacar o estômago de seus usuários, o oxi causa problemas no fígado de suas vítimas.

Cidades - Casal preso com 200 pedras de oxi

Depois de três meses de investigação, a Delegacia Estadual de Repressão a Narcóticos (Denarc) prendeu ontem o casal Thamires Ferreira Mendes, de 21 anos, que é dona de casa, e o pedreiro Gilson Neri Bento, de 26, suspeitos de traficar oxi, uma droga derivada da cocaína e similar ao crack. A principal diferença entre as duas drogas é a que para fabricar o crack o cloridrato de cocaína é misturado ao ácido bórico e para fabricar o oxi, misturam o cloridrato de cocaína a querosene e cal virgem.

De acordo com a polícia, o casal foi flagrado vendendo a droga na Rua Santana, no Setor São Judas Tadeu. O delegado Eduardo Prado disse que foram apreendidos 200 gramas da droga com o casal, o que equivale a 200 pedras de oxi. A Denarc concentra agora as investigações para localizar onde a nova droga tem sido fabricada na capital.

Ao mesmo tempo, é noticiado um corte no orçamento da Polícia Federal para este ano, conforme notícia a Folha de São Paulo, de 18/04/11, o que, sem dúvida, pode trazer consequências irremediáveis ao trabalho de fiscalização das fronteiras:

FOLHA DE SÃO PAULO - 18/04/2011

PF reduz atuação nas fronteiras

Corte no orçamento afeta ações de combate ao tráfico de armas e drogas; ministro nega problemas na fiscalização

O corte no orçamento deste ano da Polícia Federal prejudicou a fiscalização nas fronteiras e as ações de combate ao narcotráfico e ao contrabando de armas, num momento em que o país volta a discutir o controle dos armamentos.

Houve redução do efetivo desde a Amazônia até o Sul, informam Kátia Brasil e Rodrigo Vargas. Pelo menos um posto fronteiriço foi desativado, e projetos deverão ser adiados.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

A diminuição dos gastos ocorre na esteira do contingenciamento no Orçamento da União.

Segundo policiais que atuam em Ponta Porá (MS), na fronteira com o Paraguai, faltam carros, combustível e até coletes à prova de bala.

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse que o corte orçamentário foi necessário “para a estabilidade do país” e negou problemas na fiscalização das fronteiras. A direção da PF não quis falar.

Corte de verba prejudica vigilância das fronteiras

Queda do número de agentes da PF ameaça ações de combate ao narcotráfico

Posto policial é fechado na fronteira com o Peru; em Ponta Porã, agentes federais compram combustível fiado

KÁTIA BRASIL

DE MANAUS

RODRIGO VARGAS

ENVIADO ESPECIAL A PONTA PORÃ

O corte no orçamento da Polícia Federal para este ano afetou a fiscalização em regiões de fronteiras e as ações de combate ao narcotráfico e contrabando de armas.

O dia a dia das operações foi prejudicado devido à suspensão dos gastos com diárias para delegados e agentes, segundo os policiais.

Há relatos de problemas estruturais, como o fechamento de um posto na fronteira com o Peru, e da falta recursos para manutenção de carros, compra de combustíveis e coletes à prova de bala. A redução vem na esteira do contingenciamento no Orçamento da União, determinado por decreto assinado em fevereiro pela presidente Dilma Rousseff.

No Ministério da Justiça, com orçamento previsto de R\$ 4,2 bilhões para 2011, o corte foi de R\$ 1,5 bilhão. Agentes relataram à Folha que os cortes comprometeram a Operação Sentinela, feita com a Força Nacional de Segurança e a Polícia Militar nos Estados. A ação combate crimes como tráfico internacional de drogas, entrada de armas, contrabando e imigração ilegal. Houve redução do efetivo desde a Amazônia até o Rio Grande do Sul. No Brasil, a atuação da PF nas fronteiras abrange uma linha de 16.399 km. Projetos como o Vant, de fiscalização com um avião não tripulado, devem atrasar. No Pará, uma patrulha que monitorava o rio Amazonas em Óbidos foi retirada.

No Amazonas, o posto de Eirunepé, próximo ao Peru, não está funcionando desde o mês passado. O superintendente da PF no Estado, Sérgio Fontes, disse que na fronteira com a Colômbia e o Peru a Operação Sentinela será levada apenas “até onde der”. “O corte foi muito severo.”

FIADO

Em Mato Grosso do Sul, a redução no efetivo chegou a 60% nas delegacias da PF de Corumbá e Ponta Porã, na fronteira com o Paraguai. Segundo agentes federais, foram suspensas blitzes preventivas nas rodovias.

Policiais que atuam em Ponta Porã descreveram à Folha um cenário crítico.

Carros estão parados por falta de manutenção e equipes estão comprando combustível fiado. Com o contingenciamento, a maior parte do efetivo vindo de outros Estados teve de deixar a cidade. O sindicato dos policiais diz que a delegacia opera hoje com menos da metade do pessoal em relação a 2010.

Na fronteira do Rio Grande do Sul, outro importante ponto de combate à entrada de armas, também houve redução no número de policiais, segundo os agentes.

“Onde trabalhavam dois agentes, agora tem um”, disse Paulo Paes, que preside o sindicato local dos policiais.

Em Porto Mauá e Porto Xavier, há quatro agentes para cobrir 150 km do rio que separa o Estado da Argentina. Centenas de caminhões atravessam diariamente a fronteira, mas na prática o trabalho dos agentes se resume ao controle de migração.

Colaborou GRACILIANO ROCHA, de Porto Alegre

As notícias são graves, pois por um lado, temos a constatação da entrada no Brasil de uma droga tão nociva à saúde e, de outro, o anúncio de cortes no orçamento da Polícia Federal. O debate sobre esse assunto é fundamental para



CÂMARA DOS DEPUTADOS

que possamos contribuir para evitar o avanço das drogas em nosso País.

Sala da Comissão, de de 2011.

**Deputado Delegado Waldir
PSDB**